



VOZES DE PLANALTINA - PROJETO RÁDIO DIVERSIDADE E A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA ALIADA À EDUCAÇÃO¹

Autora: Ana Elisa Alves de SANTANA e Silva²

Orientador: Fernando Oliveira PAULINO³

Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

RESUMO

O trabalho "Vozes de Planaltina - Projeto Rádio Diversidade e a Comunicação Comunitária aliada à Educação" é um projeto apresentado à Universidade de Brasília para a obtenção do diploma de Jornalismo. Com o documentário em vídeo, pretende-se retratar o Projeto Rádio Diversidade, iniciativa da Utopia FM, rádio comunitária de Planaltina, DF, em parceria com escolas públicas locais, com patrocínio do Ministério da Cultura e apoio do Projeto Comunicação Comunitária, da FAC-UnB. A proposta é contar a história e os resultados do Projeto por meio de depoimentos de alguns dos que nele estiveram envolvidos, como professores e diretores das escolas, participantes ligados à UnB e à Rádio Utopia e, claro, os estudantes. Todos fazem uma reflexão sobre o crescimento do projeto e sobre as impressões deles mesmos, falando também das dificuldades enfrentadas ao longo de mais de três anos.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação Comunitária; Educomunicação; Rádio; Documentário

1. INTRODUÇÃO

Fazer um trabalho de conclusão de curso relacionado à Comunicação Comunitária foi uma vontade que me acompanhou ao longo de quase três anos da graduação, período em que estive ligada ao Projeto de Extensão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília que leva o mesmo nome. Durante este tempo, ao conhecer e lidar com diferentes comunidades, por várias vezes pude refletir sobre a Comunicação como aliada à Educação, e como o acesso a ela pode ser considerado um caminho para o exercício da cidadania.

Ao participar das atividades, era perceptível que o ato de inserir a Comunicação nas comunidades de forma que seus integrantes se tornem também atores do processo comunicativo gera bons resultados, mesmo que de forma tímida. Para delimitar o trabalho, escolhi o Projeto Rádio Diversidade, parceria entre escolas públicas e a Rádio Utopia FM, veículo comunitário de Planaltina, Distrito Federal. Como estudante da UnB, participei de algumas das atividades do Projeto, e esta ligação também motivou a escolha.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, Categoria Jornalismo, Modalidade Documentário em Vídeo (avulso)

² Jornalista, graduada em julho de 2009 pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: anaelisaalves@gmail.com

³ Professor do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília. E-mail: paulino@unb.br



1.1. RÁDIO DIVERSIDADE

Em meados de 2004, no Centro de Ensino Médio Stella dos Cherubins, em Planaltina, começou o Projeto Rádio Intervalo. Nele, estudantes dos ensinos fundamental e médio da escola produziam programas radiofônicos que eram veiculados para os colegas no horário do recreio. Dois anos mais tarde, uma das professoras responsáveis procurou a Rádio Utopia com o objetivo de integrar a escola com a comunidade.

A Utopia FM passou então a dar auxílio técnico e de conteúdo, além de transmitir os programas para toda a cidade. Estudantes de outras escolas públicas da cidade começaram a participar. Em 2006, com a inauguração do *campus* de Planaltina da Universidade de Brasília, professores e universitários se envolveram com a rádio e a iniciativa. Em 2007, universitários da Faculdade de Comunicação participantes de Comunicação Comunitária começaram a promover oficinas de rádio, comunicação, jornalismo e saúde, entre outros temas, a fim de instigar os estudantes a desenvolverem discussões em seus programas.

Desde sua concepção, o objetivo do Rádio Diversidade é estimular a produção de conteúdo informativo e educativo pelos e para os adolescentes. O foco é o resgate da cultura brasileira e da história de Planaltina, despertando, por exemplo, consciência sobre a importância da preservação das reservas ambientais. Entre maio de 2008 e abril de 2009, o projeto teve patrocínio do Ministério da Cultura. Com a verba, houve atividades como seminários, saídas de campo e mostras culturais, que tinham o objetivo de enriquecer os alunos com conhecimentos que pudessem ser levados à rádio.

Atualmente, pode-se ouvir os programas de segunda à sexta, das 9h30 às 10h30 e das 15h30 às 16h30, sintonizando a frequência 98.1 MHz FM em Planaltina, ou pela Internet, acessando o site <http://utopia.dissonante.org>.

O produto que apresento é o documentário *Vozes de Planaltina*, vídeo que conta a história e os resultados da iniciativa, por meio de depoimentos daqueles que estiveram envolvidos. Todos fazem uma reflexão sobre o crescimento do projeto e das impressões deles mesmos, falando também das dificuldades ao longo de três anos.

2. OBJETIVO

Com o Rádio Diversidade como objeto e foco do produto, o documentário *Vozes de Planaltina* tem a pretensão de retratar o cotidiano do Projeto dentro da Rádio Utopia, e como o programa de rádio pode colaborar no crescimento intelectual e, principalmente,



social dos jovens que dele participam. O filme busca responder a algumas perguntas e inquietações, entre elas: como a Comunicação pode ser usada a favor da Educação? Que benefícios a união dessas duas áreas de conhecimento traz às escolas e a suas comunidades? Que dificuldades há em iniciativas como o Rádio Diversidade? Quais as possíveis saídas?

Vozes de Planaltina traça uma linha histórica do desenvolvimento do projeto, desde o início, até o primeiro semestre de 2009 – época de filmagens. A intenção também é fomentar uma discussão a respeito de como o envolvimento dos adolescentes, professores ou universitários influenciou na forma de enxergar e lidar com os meios de comunicação.

3. JUSTIFICATIVA

Há algumas atividades em escolas e rádios que envolvem Comunicação e Educação. Além do Projeto Rádio Diversidade, em Planaltina, um bom exemplo no Distrito Federal é o Projeto Radialistas do Futuro⁴. Práticas que unem estas vertentes, no entanto, têm divulgação ainda modesta, tanto na mídia em geral, quando nos meios acadêmicos.

Após as primeiras conversas com o orientador deste trabalho, concluímos que um produto seria mais efetivo do que uma monografia no papel de analisar e divulgar essas ações. Um vídeo sobre o tema pode ser um meio de fomentar o debate sobre políticas e ferramentas para incrementar as atividades educativas dentro e fora das escolas.

É estimulante pensar a Comunicação como um instrumento de mobilização social, principalmente quando se trata dela aliada à educação. Os estudantes que participaram do Rádio Diversidade, no início, eram convidados por professores ou diretores, ou ainda pelos membros da Rádio Utopia FM. Mas logo os participantes se sentiram estimulados a ter um papel mais ativo e passaram a mobilizar os colegas em prol do crescimento do Projeto.

A comunidade, por sua vez, passa a participar da produção e transmissão das mensagens. De acordo com Cicilia Peruzzo, a inserção da Comunicação Comunitária em um grupo de pessoas “contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se fazem protagonistas da comunicação e não somente receptores” (PERUZZO, 2002, p. 8).

Paulo Freire defende este resultado ao afirmar que ensinar é criar possibilidades para a produção do saber. Segundo ele, para que se faça uma verdadeira comunicação, é preciso

⁴ Criado em fevereiro de 2002 e apoiado pela Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia, o Radialistas do Futuro oferece a crianças e adolescentes de Samambaia, DF, atividades de radiojornalismo, informática, reforço escolar e rodas de leitura. Desde 2004, os participantes produzem o programa Radionautas, transmitido aos domingos, das 10h às 12h, na Rádio Nacional AM Brasília, 980 kHz.



que ocorra troca de conhecimentos, pois “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (1977, p. 69).

Este trabalho vem ao encontro, também, da necessidade de estimular a extensão na universidade. Muitos estudantes se concentram em pesquisas acadêmicas na graduação, ou na carreira que planejam construir após a formatura, e desconhecem ou deixam de lado as atividades de extensão, que podem ser enriquecedoras. É importante atentar para a necessidade que as comunidades têm de acessar o conhecimento produzido na faculdade.

O formato audiovisual foi escolhido para que espectador possa conhecer o estúdio da Rádio Utopia e acompanhar fragmentos do programa apresentado pelos adolescentes. Imagem e som se completam, dando um ganho à compreensão e interpretação do produto.

4. METODOLOGIA

4.1. REFERENCIAL TEÓRICO

O início deste trabalho se deu com o estudo de temas que considero fundamentais para a reflexão sobre o papel da mídia na sociedade. São eles: a Educomunicação, carro-chefe da iniciativa de usar os meios de comunicação para a reflexão dos estudantes; a Comunicação Comunitária, que estimula a produção de conteúdo dentro das comunidades; e o Rádio, meio de transmissão dos programas. Por se tratar de um documentário, houve também um embasamento bibliográfico sobre este gênero cinematográfico.

4.1.1. A EDUCOMUNICAÇÃO

Para o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, as metas da Educomunicação são: 1) integrar as práticas educativas ao estudo dos sistemas de comunicação, 2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, e 3) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas; à medida que “o objetivo principal é o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo” (SOARES, 2004).

Mais do que pequenas ações, Soares (2003) defende que “toda relação comunicativa pode transformar-se numa relação educativa e toda ação educativa deveria transformar-se em ação comunicativa”. No caso do Projeto Rádio Diversidade, esse viés é considerado

todo o tempo; a comunicação é usada para promoção da diversidade cultural da comunidade de Planaltina, e estimula a leitura crítica dos grandes meios de comunicação de massa.

4.1.2. A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Falar em Comunicação Comunitária significa falar de comunidades usando os meios de comunicação. Tal ligação possibilita que os grupos comunitários divulguem sua própria cultura, provocando a identificação e integração de seus indivíduos.

Esta prática, segundo Cicilia Peruzzo (2002), traz uma proposta de transformação que possibilita construir uma nova sociedade por meio da participação dos cidadãos, que deixam de ser meros receptores de informação e se tornam protagonistas da comunicação dentro de suas comunidades.

[...] a comunicação é mais que meios e mensagens, pois se realiza como parte de uma dinâmica de organização e mobilização social; está imbuída de uma proposta de transformação social e, ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade mais justa; abre a possibilidade para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo. (2002, p.3)

Novas tecnologias entram neste processo como fortalecedores dessa possibilidade, pois “os avanços tecnológicos dos veículos de comunicação [...] implicam uma direta mudança de comportamento social, que influencia no comportamento interpessoal e na construção da identidade” (ROSSETTI, 2005). A Utopia FM, por exemplo, pode ser ouvida tanto em Planaltina, pelos aparelhos de rádio, quanto pela Internet, atingindo um alcance de certa forma ilimitado. Por meio dela, a comunidade fala e é ouvida. Com os veículos comunitários, as pessoas se sentem estimuladas a saber o que as pessoas próximas têm a dizer, e passam a ter vontade de também se expressar.

4.1.3. O RÁDIO

O rádio é um meio que aproxima de forma especial o comunicador e o receptor. Ele “[...] é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre” (ROQUETTE-PINTO *apud* CASTRO). Apesar de ser um veículo de fácil acesso e grande alcance, ele cria uma relação de intimidade e chega a conquistar a confiança de quem recebe as mensagens. Assim, os veículos radiofônicos carregam uma responsabilidade que vai além do ato de informar. O comunicador do rádio assume um papel de educar, de “preparar e instruir o ouvinte sobre

temas que eles consideram os mais importantes da atualidade e sobre os quais a audiência deve ter o maior número de informações e análises” (ESCH, 1999, p. 76).

Nas décadas de 80 e 90, algumas escolas brasileiras já usavam a rádio dentro da sala de aula, trabalhando a linguagem, a leitura crítica e a produção de programação radiofônica pelos alunos (ASSUMPÇÃO, 2001, p. 3). Inserir o veículo nessas instituições é um diferencial que estimula os alunos, ao mesmo tempo que auxilia os processos educativos.

4.1.4. DOCUMENTÁRIO *VERSUS* JORNALISMO

Como minha formação é em Jornalismo e não em Audiovisual, minha primeira curiosidade ao optar por fazer um vídeo foi pesquisar a diferença entre estes dois. O jornalista Claudio Abramo define a boa reportagem jornalística como “necessariamente o fruto de uma observação cuidadosa” (ABRAMO, 2002, p. 110). Gabriel García Márquez, ao comparar a notícia diária e a reportagem, diz que esta última “requer mais tempo, mais investigação, mais reflexão e um domínio certo da arte de escrever. É na realidade, a reconstituição minuciosa e verídica do fato” (1997). O cineasta e professor da UnB Marcos de Souza Mendes (2002) cita uma série de definições que apontam o documentarista como “um artista revelador da vida”, que adapta suas lentes, ora fixas e contemplativas, ora móveis e participativas, a fim de fazê-las “olhar e ver o mundo mais em profundidade”.

Deparando-me com conceitos como esses, pude perceber que entre o Jornalismo e o Documentário há mais semelhanças do que diferenças, pelo menos no que diz respeito às grandes reportagens. A meu ver, a linha que os distancia é tênue.

Para Eugenio Bucci (*apud* SOUZA, 2006), no Jornalismo é fundamental considerar a urgência dos fatos. No Documentário, considerado por alguns jornalístico literário audiovisual, o cineasta encontra a possibilidade de fragmentar a realidade e nela interferir livremente, produzindo um novo contexto (FRÓIS, 2007). Assim, pode-se entender o Documentário como uma obra autoral, em que é totalmente aceitável inserir o ponto de vista do diretor, ao contrário do jornalismo, que exige objetividade e imparcialidade.

Considerando os conceitos e comparações, pode-se dizer que *Vozes de Planaltina* é um vídeo que mistura as técnicas de jornalismo às características do documentário. Ao pensar o produto e montá-lo, desde o roteiro até a edição, foi possível optar por traços que o documentário carrega. A ausência de locução, o uso de legendas e a abordagem mais leve são algumas das marcas deste vídeo que o aproximam da linguagem do cinema.



4.2. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.2.1. PRODUÇÃO

Nos primeiros dias de trabalho, minha produção foi baseada em levantar dados, fazer contatos e marcar encontros para conversas. Aproveitei para elaborar meu cronograma de atividades, organizar o orçamento do filme e planejar o roteiro de perguntas para cada um dos “grupos” participantes do projeto: alunos das escolas públicas, professores e diretores das escolas e da UnB, membros da Rádio Utopia e estudantes da UnB.

4.2.2. APURAÇÃO E ENTREVISTAS

Durante cerca de vinte dias, entre abril e maio de 2009, acompanhei a produção e apresentação dos programas veiculados na Rádio Utopia, e conversei com os participantes. Antes de falar com os diretores das escolas, eu tinha apenas a versão da Rádio sobre o projeto: as atividades ocorriam de forma tranquila, mas alguns estudantes teriam se afastado por influência de parte dos diretores. Percebi que havia algum desentendimento, e meu desafio era descobrir a raiz desse problema e, se possível, registrá-la com a gravação de algum depoimento.

Na primeira escola que visitei, a representante com quem conversei afirmou que em reuniões entre Diretoria Regional de Ensino (DRE) de Planaltina, diretores e a Rádio, esta última havia se comprometido em ajudar as escolas com equipamento. Depois de uma conversa de aproximadamente 20 minutos, ela não aceitou gravar depoimento. Nas outras escolas, a visão era diferente: os diretores apoiavam e elogiavam a iniciativa. Confirmavam as reuniões com a DRE, mas diziam que não havia promessa de doação de aparelhagem.

Como eu estava convivendo com os estudantes e a Rádio, minha abordagem com eles foi direta; os depoimentos eram colhidos já com a câmera ligada. O mesmo aconteceu com as estudantes da UnB, as quais eu já conhecia. Como critério para entrevistar os alunos das escolas, optei por limitar o número de entrevistados e conversar com os que, segundo membros da rádio ou pela minha observação, tiveram ou têm participação significativa.

Algumas amigas me acompanharam em gravações. Uma preocupação que eu tinha era a espontaneidade nos depoimentos. Logo, o objetivo de ter pessoas trabalhando como auxiliares era evitar que a atenção dos entrevistados se desviasse quando eu precisasse fazer algum ajuste na câmera. Mesmo assim, boa parte das entrevistas foi feita por mim, sozinha.

4.2.3. ROTEIRO



O processo de criação do roteiro durou pouco mais de uma semana. Dividi o documentário em quatro partes:

- a) O que é: explicação do projeto, surgimento, objetivos;
- b) Desenvolvimento: como as atividades ocorriam, como os alunos se agregaram;
- c) Pontos de destaque: dificuldades técnicas e práticas, benefícios do projeto;
- d) Resultados: balanço da iniciativa e impressão dos participantes sobre as atividades do projeto em si e da combinação de comunicação e educação.

Mesmo sendo fundamental para mim enquanto montava o roteiro, essa estrutura é de certa forma imaginária, pois no filme não há marcos visíveis da divisão.

4.2.4. EDIÇÃO

Apesar de ter alguns conhecimentos sobre edição, no momento de fazê-la optei por ter auxílio de uma pessoa que tivesse mais técnica do que eu. Um amigo fez o trabalho seguindo minhas indicações.

Usei apenas um trecho de imagens cedidas pela Rádio Utopia (gravadas em câmera digital ao longo dos três anos de projeto): o show do grupo Subversão, em uma das Mostras Culturais. Outros registros tinham qualidade baixa, contrastando com as minhas imagens, feitas em mini-DV, e optei por não adicioná-las. Preocupada com direitos autorais, procurei arquivos licenciados em Creative Commons (CC)⁵ para a trilha sonora.

5. CONSIDERAÇÕES

Vozes de Planaltina carrega características jornalísticas, mas boa parte da técnica do filme foi intuição. Aos poucos acrescentei detalhes que davam um toque pessoal ao trabalho. Não quis fazer locução, por temer que o vídeo ficasse com “cara” de telejornalismo. O artifício das legendas foi baseado em *Pro dia Nascer Feliz*, filme de João Jardim que me inspirou também em outros pontos. Quanto ao roteiro, identifiquei-me no exato momento que li o texto do professor Marcos de Souza Mendes (2002).

Flexível, curioso, vigilante, (o documentarista) acompanha a vida em seu processo e por ela é roteirizado e dirigido. Pesquisa muito, faz e refaz estruturas narrativas, intui histórias do próprio lugar da filmagem. Filma, aparentemente ao léu, mas

⁵ Obras com licenças Creative Commons podem ser usadas, distribuídas e exibidas por terceiros sem o pagamento de direitos autorais. Também é permitido criar obras derivadas. Todas essas permissões são válidas com as condições de 1) atribuir a obra ao autor original, 2) usar o material para fins não comerciais e 3) ser licenciado também pelos CC. Informações disponíveis em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/deed.pt>. Acesso em 14 de junho de 2009.



respeitando caminhos nascentes para a descoberta de seu filme – e como é difícil explicar aos burocratas de plantão que o roteiro ou não roteiro do documentário é dinâmico, que seu orçamento é flexível, que segue urgências que só o imponderável do processo criativo sabe explicar.

Intuitivamente, eu filmava o que considerava interessante. Saí a campo sem roteiro algum, e teci a narrativa de *Vozes de Planaltina* à medida que as pessoas me transmitiam suas impressões, experiências e opiniões.

Em relação ao posicionamento social no projeto, os diretores da Utopia FM têm opiniões políticas e a respeito dos meios de comunicação de massa que influenciam a linha editorial da Rádio, como em muitos outros veículos. Essas opiniões foram, em certo grau, agregadas ao pensamento dos jovens. No entanto, percebi que eles, com o projeto, desenvolveram um pensamento crítico que às vezes questionava o que a própria Rádio dizia. Eles aprendem também a criticar, pois ao ter experiência como produtores de comunicação, os jovens se tornam mais exigentes. (GREENFIELD *apud* ASSUMPÇÃO, 2001). Essa formação de senso crítico é o que considero mais importante na iniciativa.

Dei a mim mesma a permissão de usar a subjetividade aceita no gênero Documentário. Não deixei de lado o “compromisso jornalístico” de ouvir todas as partes, apurar, investigar a realidade. Mas me permiti ressaltar a importância de um projeto que valoriza a reflexão, o resgate da cultura, a expressão dos adolescentes.

Analisando o comportamento dos alunos participantes, confirmo o que pensava a respeito da relevância dos meios de comunicação. Concluo este trabalho confirmando, também, a importância da extensão da universidade e sua “via de mão dupla”. Colocar em prática o que se aprende nos meios acadêmicos é a melhor forma de fixar o conhecimento. Melhor ainda quando a prática é feita dentro de comunidades que podem crescer a partir daquele conhecimento e, claro, podem devolver com a sabedoria popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Claudio. **A Regra do Jogo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

ASSUMPÇÃO, Zeneida. **A rádio na Escola: uma prática educativa eficaz**. Revista de Ciências Humanas: Universidade de Taubaté. Ano 2001. v. 7. n.2, jul/dez. p. 33-38. Disponível em <http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/radionaescola.pdf>. Acesso em 14 de junho de 2009.

CASTRO, Ruy Castro. **Roquette-Pinto: O Homem Multidão**. Disponível em <http://www.soarnec.com.br/roquette4.html>. Acesso em 14 de junho de 2009.



ESCH, Carlos Eduardo. **Do microfone ao plenário: o comunicador radiofônico e seu sucesso eleitoral**, in: Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas. Nélia R. Del Bianco; Sônia Virgínia Moreira (org). Brasília: Editora UnB, 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

FRÓIS, Camila Nalino. **O espaço para a subjetividade no cinema documentário: uma análise do filme “Promessas de Um Novo Mundo”**. Trabalho apresentado no XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Juiz de Fora, MG, 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0561-1.pdf>. Acesso em 6 de junho de 2009.

JARDIM, João. **Pro Dia Nascer Feliz**. Documentário, 88 minutos. Ravina Filmes e Fogo Azul Filmes. Brasil, 2006.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **A melhor profissão do mundo**. Revista Caros Amigos, Abril de 1997, p.46. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/mat2010a.htm>. Acesso em 11 de junho de 2009.

MENDES, Marcos de Souza. **Cinema e Realidade: o mundo através das lentes**. In Diálogos Cinema e Escola – MEC / Secretaria de Educação à Distância / Programa TV Escola: Salto para o Futuro. Rio de Janeiro, 2002, pp. 11-18. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/dce/dcetxt1.htm>. Acesso em 6 de junho de 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Artigo: **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Dez/2002. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/48.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2009.

REISZ, Karel; MILLAR, Galvin. **Técnica da montagem cinematográfica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ROSSETTI, Fernando. **Mídia e Escola: Perspectivas para políticas públicas**. São Paulo: Unicef/Jogos de Amarelinha, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** São Paulo, 2004. Texto disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/27.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2009.

_____. **Uma educomunicação para a cidadania**. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação Educativa, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2 a 6 set. 2003. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/6.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2009.

SOUZA, Gustavo. **Aproximações e divergências entre documentário e jornalismo**. UNirevista - vol. 1, nº 3. Julho de 2006. Disponível em http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Souza.pdf. Acesso em 13 de junho de 2009.